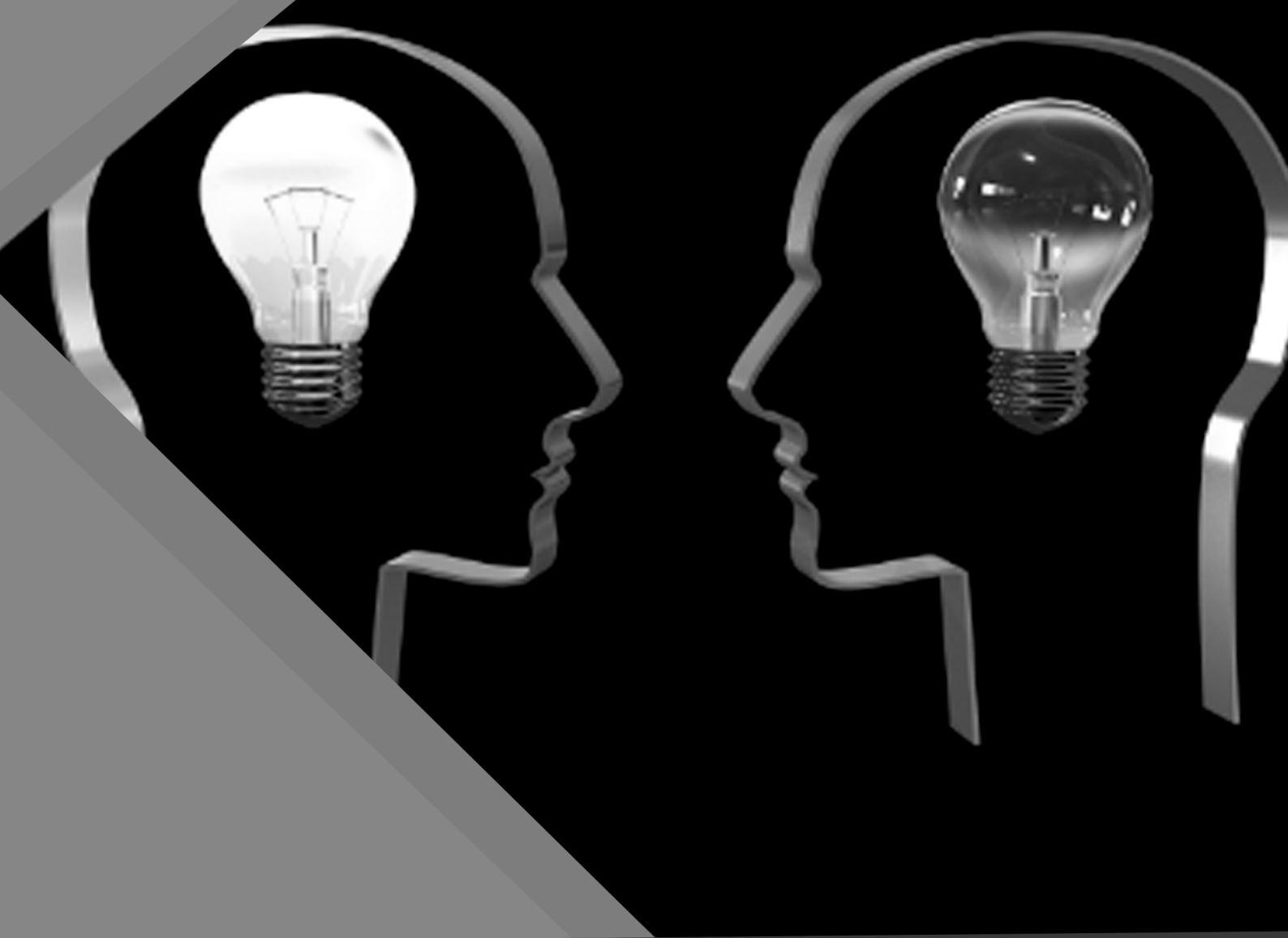




Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2

Atena
Editora
Ano 2020



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

ados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D611	<p>Discussões interdisciplinares no campo das ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do E. Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-128-2 DOI 10.22533/at.ed.282202306</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Santo, Janaína de Paula do E.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas se constitui em uma coletânea de artigos preocupada em apresentar e discutir a miríade de possibilidades das humanidades enquanto área de conhecimento. A interdisciplinariedade tem sido uma busca e um alvo constante nas discussões da área, e do processo de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento. Isso está presente na formação da palavra, composta pelo prefixo inter, ou seja, dentro, entre, e a palavra disciplinar, que marca, o sentido pedagógico de um campo ou de uma área de pesquisa. Reconhecer as ciências humanas como um espaço plural e em constante diálogo tem sido um dos desafios dos últimos tempos. Trata-se de um processo dinâmico, que busca a compreensão ampliada dos diferentes saberes.

Neste sentido evocamos a noção de interdisciplinaridade de Weil, D'Ambrosio e Crema (1993) que chamam a atenção para o aspecto de síntese do conceito, e a possibilidade de abarcar, em diálogo, duas ou mais disciplinas, constituindo um discurso em diferentes níveis, que são caracterizados por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais, nos diversos campos científicos. Ainda neste sentido, mas em um olhar ainda mais abrangente, Lück (1999) aponta que a interdisciplinaridade é um processo que envolve a integração e o engajamento de pesquisadores, num trabalho conjunto. Essa interação visa, especialmente se contrapor à fragmentação do conhecimento em um empenho para alcançar um ambiente de saberes cidadãos, de uma visão mais ampla de mundo, do enfrentamento de problemas complexos, do conhecimento amplo como uma ferramenta de interpretação da realidade, e por consequência, da construção de amplitude nos processos de olhar o mundo.

Há que se caminhar, cada vez mais para a visão de um conhecimento circular e dinâmico, constitutivo e dialógico, de formação de sentidos para a experiência no mundo, no tempo e no espaço, que fortaleçam, demonstrem e explorem, cada dia mais, o impacto da percepção humana no processo de absorção do conhecimento (ou seja, o modo de ver, classificar e elaborar) para além da ideia de uma ferramenta de análise, mas, muito especialmente, como uma forma de estimular o pensamento. Um canal de formação de sentidos.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA PRÁXIS EXTENSIONISTA – INDICADORES DE AUTOGESTÃO NA INCUBAÇÃO DO NÚCLEO DE PRODUÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BEM DA TERRA/RS	
Tiago de Garcia Nunes Samantha Vieira Zschornack Diego Rodrigues Gonçalves Solaine Gotardo	
DOI 10.22533/at.ed.2822023061	
CAPÍTULO 2	13
CAMELÔS E PREFEITURA MUNICIPAL: TERRITORIALIDADES E CONFLITOS NO CENTRO COMERCIAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles	
DOI 10.22533/at.ed.2822023062	
CAPÍTULO 3	26
SOBRE DUALISMOS E COMPLEMENTARIDADES: NA CIÊNCIA, A FLUIDEZ EM PERSPECTIVA	
Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023063	
CAPÍTULO 4	45
AS CATEGORIAS: REGIÃO, COMUNIDADE E TRADICIONAL NO CONTEXTO HISTÓRICO DO GRUPO SOCIAL DE CANABRAVA	
Letícia Aparecida Rocha Edivaldo Ferreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2822023064	
CAPÍTULO 5	59
A MEDIAÇÃO COMO MÉTODO ADEQUADO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA SEARA FUNDIÁRIA NA AMAZÔNIA	
Jessyca Fonseca Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2822023065	
CAPÍTULO 6	71
A MISSÃO FRANCESA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS <i>ANNALES</i> NO BRASIL NOS ANOS 30	
André Augusto Abreu Villela	
DOI 10.22533/at.ed.2822023066	
CAPÍTULO 7	88
A REVOLTA NOBILIÁRIA DE 1272/1273 NA CRÔNICA DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Luiz Augusto Oliveira Ribeiro Jaime Estevão dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.2822023067	

CAPÍTULO 8	100
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: DIÁLOGOS EMANCIPATÓRIOS EM PODCAST E VIDEO	
Vera Borges de Sá Isabelle Barbosa da Silva Julianne Ferreira de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.2822023068	
CAPÍTULO 9	111
IDENTIDADE E DIFERENÇA: NOTAS INTERDISCIPLINARES PARA A PESQUISA JUNTO AOS POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS	
Diana Cibele de Assis Ferreira Halda Simões Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2822023069	
CAPÍTULO 10	121
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AGENDA SOCIAL QUILOMBOLA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS	
César Augusto Fernandes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28220230610	
CAPÍTULO 11	136
INVESTIGAÇÃO DO DIMORFISMO SEXUAL EM ESQUELETOS HUMANOS ATRAVÉS DA MEDIÇÃO DOS OSSOS DO QUADRIL	
Ellen Mayara Lima Silva Marcela Martins da Silva Nascimento Taciana Rocha dos Santos Carolina Peixoto Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.28220230611	
CAPÍTULO 12	143
O ETERNO RETORNO DOS MORTOS E DEUSES: UMA LEITURA DO CONCEITO EM <i>ARAWETÉ: OS DEUSES CANIBAIS</i>	
Maria Carolina Moreira Moracci	
DOI 10.22533/at.ed.28220230612	
CAPÍTULO 13	154
LEIBNIZ: UM HOMEM A FRENTE DE SEU TEMPO, FILÓSOFO, MATEMÁTICO E CRISTÃO ECUMENICO	
Izaías Geraldo de Andrade Maria das Dores Andrade de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.28220230613	
CAPÍTULO 14	167
MEMÓRIA COLETIVA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	
Leila Sala Prates Ferreira Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.28220230614	

CAPÍTULO 15	176
MIGRAÇÕES E MOBILIZAÇÃO PARA O TRABALHO NA HISTÓRIA DA MODERNIZAÇÃO Allan Rodrigo de Campos Silva DOI 10.22533/at.ed.28220230615	
CAPÍTULO 16	189
MULTIDIMENSÃO DAS DEMÊNCIAS EM IDOSOS Márcia de Oliveira Siqueira Leonardo Saraiva Lia Mara Wibelinger DOI 10.22533/at.ed.28220230616	
CAPÍTULO 17	198
OS EFEITOS DO CONSUMISMO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: O DESCARTE DO OUTRO NA MODERNIDADE LÍQUIDA Matheus Luiz de Souza Céfaló DOI 10.22533/at.ed.28220230617	
CAPÍTULO 18	214
PARADIGMAS DE DESENVOLVIMENTO NA ERA DO NEOLIBERALISMO PROGRESSISTA: AS MUTAÇÕES DO CAPITALISMO E O PAPEL DA CRÍTICA Natália Sant Anna Torres DOI 10.22533/at.ed.28220230618	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

OS EFEITOS DO CONSUMISMO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: O DESCARTE DO OUTRO NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Data de aceite: 17/06/2020

Data de submissão: 23/04/2020

*O presente artigo foi apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Sociologia do Centro Universitário Internacional UNINTER, sob orientação da Professora Especialista Aline Cavalcante Barbosa de Almeida.

Matheus Luiz de Souza Céfaló

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo, SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7524689328123543>

RESUMO: Considerando que o século XXI testemunha a vivacidade de uma sociedade de consumo pautada, sobretudo no consumismo de produtos marcados por uma obsolescência planejada, a presente pesquisa busca compreender a relação entre o consumismo e a supervalorização da individualidade com a fragilidade das relações sociais. Objetiva-se, então, analisar como se formou uma sociedade de consumo diante do modo de produção capitalista, relacionando as características dessa sociedade com os elementos que caracterizam a Modernidade Líquida descrita por Zygmunt Bauman. Para tanto,

procede-se à uma revisão bibliográfica, fazendo referência a autores que discutiram a sociedade de consumo e/ou a Pós-Modernidade, como Beck (2011), Bauman (2009), Giddens (2002) e Adorno e Horkheimer (1985). Desse modo, observa-se que, motivado pela Indústria Cultural, o consumismo está atrelado às questões identitárias, possuindo uma relação com a supervalorização do individualismo, ao passo que a sociedade que decorre dessa prática desvaloriza a durabilidade, transformando a obsolescência em uma das principais características da sociedade líquido-moderna, o que fragiliza as relações sociais, pois, essas passam a ser marcadas pela efemeridade e pelo descarte, haja vista que o descarte do outro é um resultado direto da permanente insatisfação gerada por uma síndrome consumista.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade Líquida. Sociedade de Consumo. Sociologia do Consumo. Pós-Modernidade. Zygmunt Bauman.

THE EFFECTS OF CONSUMERISM ON SOCIAL RELATIONSHIPS: DISPOSAL OF OTHERS IN LIQUID MODERNITY

ABSTRACT: Considering that the 21st century bears witness to the liveliness of a

consumer society guided, especially in the consumerism of products marked by planned obsolescence, this research seeks to understand the relationship between consumerism and the overvaluation of individuality with the fragility of social relations. The objective, then, is to analyze how a consumer society was formed in the face of the capitalist mode of production, relating the characteristics of that society with the elements that characterize the Net Modernity described by Zygmunt Bauman. To this end, a bibliographic review is made, referring to authors who discussed the consumer society and / or Post-Modernity, such as Beck (2011), Bauman (2009), Giddens (2002) and Adorno and Horkheimer (1985). Thus, it is observed that, motivated by the Cultural Industry, consumerism is linked to identity issues, having a relationship with the overvaluation of individualism, while the society that results from this practice devalues durability, transforming obsolescence into one of the main characteristics of liquid-modern society, which weakens social relations, as these are marked by ephemerality and discard, given that the discarding of the other is a direct result of the permanent dissatisfaction generated by a consumerist syndrome.

KEYWORDS: Liquid Modernity. Consumer society. Sociology of Consumption. Post-Modernity. Zygmunt Bauman.

1 | INTRODUÇÃO

De acordo com Zygmunt Bauman (2001), o século XXI é a personificação de uma modernidade líquida, termo cunhado pelo autor para explicar as transformações da Modernidade para aquilo que outros sociólogos consideram como “Pós-Modernidade”. Para Bauman (2001), ela é marcada pela fragilidade das relações humanas, pelo consumo desenfreado, pela cultura do imediatismo e pela ascensão do sentimento de individualização. Em sua obra *O mal-estar da Pós-Modernidade*, o autor aponta que vivemos em uma era do consumo, dada pelo fato de que o “consumo abundante [...] é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso e à fama” (BAUMAN, 1998, p. 55).

Contudo, o autor (ibidem, p. 91) aponta a existência de pessoas tidas como “párias da sociedade”, isto é, pessoas que vivem na base da sociedade, desafortunados e vítimas dessa era do consumo, pelo fato de não terem as condições necessárias para tal, o que reforça a ideia de que o consumo passou a ser tratado como uma prática fundamental à dignidade humana, ao passo que a felicidade foi tornada uma consequência do aumento do consumo. Essa relação entre o consumo e a felicidade permitiu a ascensão de uma sociedade de consumidores.

De acordo com Bauman (2008, p. 20), nesta sociedade de consumidores, “ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável”. Desse modo, ele assevera que a principal característica da sociedade de consumidores é a “transformação dos consumidores em mercadorias” (BAUMAN, 2008, p. 20).

No entanto, um dos aspectos levantados pelo autor (2008) é a desvalorização da durabilidade na sociedade líquido-moderna. Essa desvalorização é perceptível no descarte

de produtos que são, constantemente, tidos como defasados, isto é, aquilo que não pode mais ser usado, é destinado ao lixo, pois o consumismo dirigido pelo mercado apresenta como estratégia para a era do consumo, “[...] a troca de uma mercadoria defeituosa, ou apenas imperfeita e não plenamente satisfatória, por uma nova e aperfeiçoada” (BAUMAN, 2008, p. 31). Logo, percebe-se que, nesse tipo de sociedade, aquilo que não causa mais satisfação deve ser trocado.

Contudo, considerando que o consumidor foi transformado em mercadoria e que, para Bauman, há um paralelo entre as relações de consumo com as relações humanas, como essa prática de descarte daquilo que é considerado obsoleto e não satisfatório influencia na efemeridade das relações humanas na sociedade líquido-moderna? Diante disso, torna-se necessária uma investigação sobre a relação dessas características com o advento da sociedade de consumo, buscando compreender como relações com o consumo operam na modernidade líquida, bem como quais são os efeitos do consumismo nas relações sociais.

Assim, o que se propõe aqui é discutir como se formou uma sociedade de consumo diante do modo de produção capitalista e analisar as características da Modernidade Líquida descrita por Zygmunt Bauman, sobretudo, a questão da individualidade e relacionar a fragilidade das relações sociais ao consumismo. Para tanto, recorre-se à uma pesquisa bibliográfica, fazendo referência às obras de Beck (2011), Bauman (2009), Giddens (2002) e Adorno e Horkheimer (1985).

2 | A ASCENSÃO DA SOCIEDADE DE CONSUMO

Segundo Bauman (2008), o século XX evidenciou a iminente transformação da sociedade de produtores¹ em uma sociedade de consumidores. Assim, considerando que o modo de produção capitalista opera sobre a ótica da propriedade material, o consumo influencia em todos os segmentos da vida humana, de modo que as relações com ele “passaram a mediar nosso próprio conceito de subjetividade e a maneira de nos reconhecemos no mundo” (SOUZA, 2017, p. 166). No entanto, para Bauman (1998, p. 54), o consumo, diferente do processo produtivo, é uma “atividade inteiramente individual”.

Uma das principais características da sociedade de consumo é a sedução do mercado consumidor, pois, para Bauman (1998, p. 55), “quanto mais elevada a ‘procura do consumidor’ (isto é, quanto mais eficaz a sedução do mercado), mais a sociedade dos consumidores é segura e próspera”. Segundo o autor, essa procura diz respeito à criação de impulsos sedutores, com vistas a perpetuar um sentimento de que “possuir e consumir determinados objetos, e adotar certos estilos de vida, é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana” (BAUMAN, 1998, p. 56).

Desse modo, essa sedução é, simultaneamente, “a grande igualadora e a grande

1 Para Bauman (2008, p. 42), a sociedade de produtores é “o principal modelo societário da fase ‘sólida’ da modernidade”, isto é, o modelo de sociedade estabelecido em uma Modernidade marcada por “uma era de fábricas e exércitos de massa, de regras obrigatórias e conformidade às mesmas, assim como de estratégias burocráticas e panópticas de dominação que, em seu esforço para evocar disciplina e subordinação, basearam-se na padronização e rotinização do comportamento individual”.

divisora” entre os que desejam consumir e os que, de fato, o podem (BAUMAN, 1998, p. 55). Observa-se, então, que o consumo de objetos confere poder aos sujeitos, haja vista que:

Na sociedade de consumidores, a dualidade sujeito-objeto tende a ser incluída sob a dualidade consumidor-mercadoria. Nas relações humanas, a soberania do sujeito é, portanto, reclassificada e representada como a soberania do consumidor – enquanto a resistência ao objeto, derivada de sua soberania não inteiramente suprimida, embora rudimentar, é oferecida à percepção como a inadequação, inconsistência ou imperfeição de uma mercadoria mal escolhida (BAUMAN, 2008, p. 31)

Dessa forma, observa-se que a sociedade de consumidores é pautada na relação entre potenciais consumidores e os objetos de consumo, pois

os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecida, de maneira abreviada, como “sociedade de consumidores”. Ou melhor, o ambiente existencial que se tornou conhecido como “sociedade de consumidores” se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre consumidores e os objetos de consumo. Esse feito notável foi alcançado mediante a anexação e colonização, pelos mercados de consumo, do espaço que se estende entre os indivíduos – esse espaço em que se estabelecem as ligações que conectam os seres humanos e se erguem as cercas que os separam. (BAUMAN, 2008, p. 19)

Com efeito, a relação entre o consumo e a subjetividade implica no conceito de estilo de vida, definido por Giddens (2002, p. 79) como um “conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque forma material a uma narrativa particular de autoidentidade”. Em concordância a isso, pode-se afirmar que “um estilo de vida está diretamente relacionado à sociedade de consumo” (SOUZA, 2017, p. 169).

O consumo é, portanto, uma das bases identitárias da narrativa do eu, ou seja, a “estória (ou estórias) por meio da qual a autoidentidade é entendida reflexivamente, tanto pelo indivíduo de que se trata quanto pelos outros” (GIDDENS, 2002, p. 222). Além disso, ele estimula nas pessoas a concepção de que elas também são uma mercadoria que precisam ser desejáveis (SOUZA, 2017), pois, segundo Bauman (2008, p. 13), as pessoas são “ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem”.

Marx (1994) define as mercadorias como o fundamento da riqueza das sociedades capitalistas, criada para a satisfação das necessidades das pessoas. No entanto, ela traz consigo um fetichismo, isto é, “o hábito de, por ação ou omissão, ignorar ou esconder a interação humana por trás do movimento das mercadorias.” (BAUMAN, 2008, p. 22), pois, para Marx:

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-lo como relação social existente; à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. (MARX, 1994, p. 81)

De acordo com Bauman (2008), com a transformação da sociedade de produtores em sociedade de consumidores, houve a ascensão do fetichismo da subjetividade, ou seja, a falácia de que o consumo promove a construção da identidade, encobre o fato de que a subjetividade dos consumidores é objetificada, isto é, “adquire a forma de uma lista de compras” (ibidem, p. 24).

De certa forma, a questão da identidade atrelada à mercadoria fomenta o consumismo, que pode ser definido como “um conjunto de práticas e atitudes que visam ao consumo crescente de produtos, muitos deles supérfluos e de baixa durabilidade” (SOUZA, 2017, p. 208). Bauman (2008) conceitua o consumismo como um atributo da sociedade, o que significa que ele é:

[...] um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na **principal força propulsora e operativa da sociedade**, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p. 41. Grifo do autor)

Observa-se que, para o autor, o consumismo é a principal força operativa da sociedade, sobretudo, pela sua capacidade de subjetivação. No entanto, há de se considerar a “reciclagem de vontades e desejos” apontadas por ele, o que promove a constante insatisfação com aquilo que é durável, haja vista que, para Bauman (2008, p. 31), “a sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando ‘velho’ e ‘defasado’, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo”.

O lixo, conforme Bauman (2009, p. 17), é “o principal e comprovadamente mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo” (BAUMAN, 2009, p. 17). Segundo o mesmo autor (2008, p. 31), “a sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção do lixo. Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir”. Ainda, para ele,

Numa sociedade líquido-moderna, a indústria de remoção do lixo assume posições de destaque na economia da vida líquida. A sobrevivência dessa sociedade e o bem-estar de seus membros dependem da rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos. (BAUMAN, 2009, p. 9)

Importante frisar que o descarte dos objetos faz parte de uma lógica de obsolescência planejada, isto é, os produtos já são fabricados com vistas ao descarte e à substituição, isso significa que:

Esses objetos têm uma expectativa de vida útil limitada e, uma vez que tal limite é ultrapassado, se tornam impróprios para o consumo, já que “ser adequado para o consumo” é a única característica que define sua função. Eles são totalmente impróprios e inúteis. Por serem impróprios, devem ser removidos do espaço da vida de consumo

(destinados à biodegradação, incinerados ou transferidos aos cuidados das empresas de remoção de lixo) a fim de abrir caminho para outros objetos de consumo ainda não utilizados. (BAUMAN, 2009, p. 17, grifo meu)

Para Bauman (2001, p. 100), “a produção de mercadorias como um todo substitui hoje ‘o mundo dos objetos duráveis’ pelos ‘produtos perecíveis projetados para a obsolescência imediata’”. Em *The Leisure Society*, Jeremy Seabrook (1988), descreve essa substituição, apontando que:

O capitalismo não entregou os bens às pessoas; as pessoas foram crescentemente entregues aos bens; o que quer dizer que o próprio caráter e sensibilidade das pessoas foi reelaborado, reformulado, de tal forma que elas se agrupam aproximadamente [...] com as mercadorias, experiências e sensações [...] cuja venda é o que dá forma e significado a suas vidas. (SEABROOK, 1988, p. 183)

Segundo Bauman (2008), na modernidade líquida, a insatisfação leva ao célere descarte daquilo que a causa, mantendo em funcionamento o fetichismo da subjetividade, pois “é pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa” (BAUMAN, 2008, p. 31).

Nota-se que o consumismo assevera, portanto, a questão da insatisfação e coloca o ser humano em contato com a obsolescência, sobretudo com o descarte daquilo que ele julga como efêmero, velho e insuficiente. Porém, nesta lógica da insatisfação e, considerando que, para Bauman (2009, p. 17), nas relações sociais dentro da modernidade líquida há a “ameaça de ser jogado no lixo”, até que ponto isso pode influenciar no descarte das relações humanas?

Com efeito, há de se considerar que, além dessas relações com a subjetividade, o consumo também diz respeito ao outro, haja vista que “para Zygmunt Bauman [...] as relações de consumo são aplicadas diretamente às relações humanas” (SOUZA, 2017, p. 166). No entanto, o fator preocupante se dá pela forma como o ser humano caracteriza o outro dentro da sociedade de consumo, pois Beck (2011) aponta que a humanidade vive em uma sociedade de risco, marcada pela individualização, o que permite a indagação sobre como a supervalorização da individualidade, fruto do consumismo, pode fragilizar as relações sociais.

2.1 A sociedade de consumo como resultado da Indústria Cultural

Para dar seguimento à análise da sociedade de consumo, há de se considerar as contribuições da Escola de Frankfurt², pois, esses “pesquisadores construíram conceitos e reflexões de extrema influência para o pensamento social, principalmente para os estudos no

² Também conhecidos como pensadores da Teoria Crítica, de acordo com Souza (2017, p. 70), este é “o nome dado a um amplo grupo de pesquisadores que atuaram no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, na Alemanha. Os investigadores que ali trabalham partiram de referências neomarxistas, isto é, correntes teóricas que revisaram a teoria marxista e publicaram uma série de artigos e livros, sobretudo durante a segunda metade do século XX”.

campo da cultura, das artes, da comunicação e do consumo”. (SOUZA, 2017, p. 70). Nesse aspecto, destacam-se os autores Max Horkheimer e Theodor Adorno que, segundo Souza (2017, p. 70), foram estudiosos da “ampliação dos meios de comunicação e das técnicas de reprodução em massa de produtos culturais”.

Com o crescimento do fascismo na Europa, especificamente, a ascensão do regime nazista de Adolf Hitler, a partir de 1933, na Alemanha, a Escola de Frankfurt foi perseguida, pois, muitos de seus pesquisadores eram judeus, isto é, alvos da política antissemitista empreendida pelo governo totalitarista alemão da época. Com isso, buscaram refúgio em países europeus vizinhos e nos Estados Unidos, levando a transferência do Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt para Nova York, passando a se chamar Instituto Internacional de Pesquisa Social (SOUZA, 2017).

Segundo Souza (2017, p. 73), uma das características observadas pelos pesquisadores da Escola de Frankfurt, em relação ao avanço do fascismo na Europa, foi a “utilização de ferramentas de comunicação de massa para convencer as populações de suas intenções, controla-las e incentivá-las a agir de acordo com os preceitos estabelecidos por eles”. Com efeito,

mensagens de cooperação e controle social, como as de incentivo ao racionamento de alimentos, apoio às tropas militares e valorização da nação, chegavam aos lares por meio das ondas de rádio. Cartazes e folhetos explicativos também eram produzidos e distribuídos de maneira massiva. **Outro meio utilizado com viés propagandístico foi o cinema**, com produções financiadas pelos governos citados, os filmes eram exibidos regularmente em salas lotadas de espectadores. (SOUZA, 2017, p. 74, grifo meu).

Observa-se, então, o uso da propaganda e da comunicação em massa, sobretudo por meio da cultura, com vistas à manipulação social. Ainda, essa questão motivou os pesquisadores da Escola de Frankfurt a refletirem sobre o surgimento das técnicas de reprodução de massa, cunhando o conceito de reprodutibilidade técnica, isto é, o momento em que a arte passa a atender à demanda industrial de produção em larga escala (SOUZA, 2017). Sobre isso, Walter Benjamin (1975) comenta que houve uma subversão da função da arte, haja vista que:

a emancipação da obra de arte com relação à existência parasitária que lhe era imposta pelo seu papel ritualístico. Reproduzem-se cada vez mais obras de arte, que foram feitas justamente para serem reproduzidas. [...] Mas, desde que o critério de autenticidade não é mais aplicável à produção artística, toda a função da arte fica subvertida. Em lugar de se basear sobre o ritual, ela se funda, doravante, sobre uma forma de práxis: a política. (BENJAMIN, 1975, p. 17).

Considerando a lógica capitalista da busca pelo lucro, os autores da Teoria Crítica constataram que a cultura foi tornada mercadoria, haja vista que “em uma sociedade onde tudo se transforma em coisa, a cultura também passou a ser pensada dentro da lógica da indústria, como algo que poderia seguir a produção em série” (SOUZA, 2017, p. 84).

Essa transformação da cultura em mercadoria foi testemunhada pelos autores da Escola

de Frankfurt refugiados nos Estados Unidos, principalmente, pelo contato com a produção hollywoodiana (SOUZA, 2017), o que levou os autores Theodor Adorno e Max Horkheimer a formularem o conceito de indústria cultural, usado, pela primeira vez, em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, em 1947.

Para Adorno e Horkheimer (1985), a indústria cultural opera sob a padronização de bens culturais para atender as necessidades dos consumidores. Nas palavras dos autores, “o fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100). Segundo os autores, a fim de atender aos interesses do mercado,

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtores. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Segundo os mesmos autores (1985, p. 108), a indústria cultural recorre à produção em série, ao passo que “o denominador comum ‘cultura’ já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração”. Isso significa que há a subordinação da cultura aos interesses do modo de produção capitalista, que passa a lucrar duas vezes com o trabalhador. Primeiro, pela sua força de trabalho explorada nas fábricas e, segundo, com o consumo da cultura, haja vista que “os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses”, o que significa que “a produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

Em *Teoria da semicultura*, Adorno (1996 apud Souza, 2017, p. 90) assevera que a diversão é um prolongamento do trabalho, ou seja, o consumo do entretenimento é uma forma de o trabalhador estar sempre ocupado, ora pelo trabalho, ora pelo consumo da cultura. Dessa forma, segundo Souza (2017, p. 91), “o ganho do trabalhador retorna para o mesmo sistema que o explora”.

A conformidade dos compradores seduzidos pela indústria cultural passa a ser, então, a síntese do sucesso dessa indústria, dada pelo controle alcançado por meio da transformação das forças produtivas em, também, forças consumidoras, sobretudo, consumidoras de entretenimento, pois, segundo Adorno e Horkheimer (1985),

a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112).

Ainda, é importante frisar o papel da propaganda na atuação da indústria cultural, haja

vista que, para os autores (1985, p. 115), ela “[...] não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer”. Assim, a promissória, isto é, a promessa vendida do alcance do prazer pelo consumo de objetos de desejo, passa a ser uma importante ferramenta desse tipo de indústria, não só por seduzir os consumidores, mas, acima de tudo, padronizá-los mediante necessidades comuns e controlá-los sob a crença de que essas só serão atendidas pela indústria cultural, haja vista que,

O princípio impõe que todas as necessidades lhe sejam apresentadas como podendo ser satisfeitas pela indústria cultural, mas, por outro lado, que essas necessidades sejam de antemão organizadas de tal sorte que **ele se veja nelas unicamente como um eterno consumidor, como objeto da indústria cultural**. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117, grifos meus).

De acordo com esses pensadores, “quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, **produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as** [...]” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119, grifos meus), pois, para essa indústria, “o consumidor não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio [...]” (ibidem, p. 113). Sob esse controle social, os autores apontam que “o consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão, de cujas instituições não consegue escapar” (ibidem, p. 131), o que leva à sua alienação.

Pode-se verificar que o controle da indústria cultural sobre os consumidores, sobretudo por meio da reprodução em massa dos produtos culturais, da propaganda que visa a ampliação do consumo da diversão e da padronização das necessidades e desejos, promove as condições necessárias para o surgimento de uma sociedade de consumidores, haja vista que ela,

[...] em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. (BAUMAN, 2008, p. 71)

Com efeito, com vistas a atender aos interesses do capitalismo, a indústria cultural cria a necessidade, por meio da publicidade, e promete atendê-la pelo consumo, prevendo produtos para todos, fato que faz com que ninguém consiga escapar dela (SOUZA, 2017), pois,

Ao mesmo tempo, a indústria cultural cria a sensação de que está atendendo às necessidades dos consumidores, quando de fato cria necessidades até então inexistentes. Pelo fato de surgirem aparentemente das próprias necessidades dos consumidores, seus produtos acabam sendo aceitos sem resistência. (SOUZA, 2017, p. 90)

Por conseguinte, a relação entre a indústria cultural com a ascensão da sociedade de consumo pode ser interpretada como o “triumfo da publicidade na indústria cultural, a mimese

compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 138), ou seja, o uso da mercantilização da arte a fim de atender aos interesses capitalistas mediante o controle de uma sociedade de consumidores.

2.2 A fragilidade das relações sociais como reflexo da síndrome consumista

Para Bauman (2009, p. 105), “a sociedade de consumo consegue tornar permanente a insatisfação”, pois, “a promessa de satisfação [...] só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado; o que é mais importante, enquanto houver uma suspeita de que o desejo não foi plena e totalmente satisfeito”.

Segundo o autor, isso é resultado da depreciação e desvalorização dos produtos de consumo logo após terem sido conquistados, o que leva à exaustiva acumulação de novos produtos, característica fundamental do consumismo. No entanto, o autor adverte que:

Por essa razão, o consumismo é uma economia do logro, do excesso e do lixo; logro, excesso e lixo não sinalizam o mau funcionamento da economia, mas constituem uma garantia de saúde e o único regime sob o qual uma sociedade de consumidores pode assegurar sua sobrevivência. (BAUMAN, 2009, p. 107)

Bauman (2009) assevera que, na sociedade líquido-moderna, a insatisfação está atrelada à alta taxa de mortalidade das expectativas, o que corrobora a obsolescência planejada e, conseqüentemente, naturaliza o consumismo. Nesse aspecto, “para que as expectativas se mantenham vivas e novas esperanças preencham o vazio deixado por aquelas já desacreditadas e descartadas, o caminho da loja à lata de lixo deve ser curto, e a passagem, rápida” (BAUMAN, 2009, p. 109).

Considerando que, para o autor (2009, p. 16), “a vida líquida é uma vida de consumo”, nota-se que o consumismo naturaliza a relação entre a sociedade de consumo com o lixo e, conseqüentemente, com o descarte. Um exemplo dessa naturalização é apresentado pelo mesmo autor na obra *Sobre Educação e Juventude*, em que ele discute a relação entre a juventude e o consumo, apontando o jovem “como lata de lixo da indústria de consumo” (BAUMAN, 2013, p. 51).

Uma vez que as características da sociedade de consumidores – especificamente, a tendência ao descarte – são refletidas na vida líquida, há de se considerar que as relações sociais não ficam intactas diante do consumismo. Nesse aspecto, a vida líquida e a modernidade líquida estão interligadas, pois, na sociedade líquido-moderna “não há um projeto de vida, nenhuma preocupação com os aspectos em comum da vida, nem uma identidade a se perseguir, apenas o interesse em alcançar a felicidade individual” (SOUZA, 2017, p. 254).

De acordo com Bauman (2009, p. 20), “o sucesso da busca da felicidade, propósito declarado e motivo supremo da vida individual, continua a ser desafiado pela forma de obtê-la (a única forma pela qual ela pode ser buscada no ambiente líquido-moderno)”. Essa busca pela felicidade individual é, então, um típico alvo da indústria cultural, pois, considerando

que “a vida humana é, assim, um esforço incessante para preencher um vazio assustador” (BAUMAN; RAUD, 2018, p. 17), a constante insatisfação é o ensejo para a publicidade que vincula a felicidade e a satisfação com o ato de consumir, ao passo que o fetiche da subjetivação torna-se, então, manifesto.

No entanto, em *A sociedade dos indivíduos*, Norbert Elias (1994) assevera que

Na vida social de hoje, somos incessantemente confrontados pela questão de se e como é possível criar uma ordem social que permite uma melhor harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos, de um lado, e, de outro, as exigências feitas a cada indivíduos pelo trabalho cooperativo de muitos, pela manutenção e eficiência do todo social. (ELIAS, 1994, p. 17)

O mesmo autor aponta que o desenvolvimento da sociedade de modo que todos os seus membros possam alcançar essa harmonia descrita acima é desejável, mas, impossível, haja vista que

[...] só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito. A dificuldade parece estar em que, nas ordens sociais que se nos apresentam, uma das duas coisas sempre leva a pior. Entre as necessidades e inclinações pessoais e as exigências da vida social, parece haver sempre, nas sociedades que nos são familiares, um conflito considerável, um abismo quase intransponível para a maioria das pessoas implicadas. (ELIAS, 1994, p. 17)

Há de se questionar, portanto, se essa busca pela individualidade assegurada pelo consumo é capaz de segregar o indivíduo da sociedade, sobrepondo os seus interesses pessoais sobre o todo social. Com efeito, cobertas pela individualidade, as pessoas buscam uma autorrealização que, na modernidade líquida, é moldada para

Servir a um mundo em que a expectativa de vida de todos, ou quase todos, os ingredientes relevantes do ambiente de vida individual [...] está encolhendo num ritmo cada vez mais acelerado – a extensão da expectativa de vida do indivíduo é a única exceção a essa regra quase universal. (BAUMAN; RAUD, 2018, p. 80)

Sob o vínculo da autorrealização com o consumo, na sociedade de consumidores, “[...] a percepção e o tratamento de praticamente todas as partes do ambiente social e das ações que evocam e estruturam tendem a ser orientados pela ‘síndrome consumista’ de predisposições cognitivas e avaliativas” (BAUMAN, 2009, p. 108). Ainda, conforme Bauman:

Na hierarquia herdada dos valores reconhecidos, a síndrome consumista degradou a duração e promoveu a transitoriedade. **Colocou o valor da novidade acima do valor da permanência.** Encurtou drasticamente o lapso de tempo que separa o querer do obter (como sugeriam muitos observadores, inspirados ou desorientados pelas agências de crédito), mas também abreviou o surgimento do anseio pelo seu desaparecimento, assim como a estreita brecha que separa a utilidade e a conveniência das posses de sua inutilidade e rejeição. Entre os objetos do desejo humano, colocou a apropriação, rapidamente seguida pela remoção de dejetos, no lugar de bens e prazeres duradouros.

A síndrome consumista é, portanto, o que leva a fragilidade das relações humanas, pois, imersa na depreciação da durabilidade, a sociedade de consumo testemunha relações humanas efêmeras e, da mesma forma que os objetos de desejo, engendradas na obsolescência planejada, ou seja, no curto prazo de vida útil.

Nesse aspecto, de acordo com Bauman (2009, p. 110), “a sociedade de consumo não é nada além de uma sociedade do excesso e da fartura – e, portanto, da redundância e do lixo farto”. Em concordância a isso, Ribeiro (2016, p. 259) aponta que “o consumir e o descartar são as práticas mais vivenciadas pelos indivíduos”.

No entanto, Bauman (2009, p. 110) adverte que “o excesso, contudo, aumenta a incerteza das escolhas”, o que evoca relações incertas, pautadas na individualidade e, sobretudo, no descarte imediato do outro, quando este não atende mais aos interesses dos indivíduos.

Ao detalhar a vida líquida, Bauman (2009, p. 12), aponta que “[...] ‘propriedades, situações e pessoas’ continuarão deslizando e desaparecendo a uma velocidade surpreendente – quer tentem ou não reduzi-la, não faz diferença”. Pessoas se tornam, então, mercadorias descartáveis, quando já não podem mais ser objetos de consumo e isso assevera uma constante necessidade dos indivíduos se sentirem desejados, pois, sabem que vivem sob a incessante ameaça de serem descartados no lixo.

Assim, Bauman (2009, p. 9) descreve que na sociedade líquido-moderna, “nada pode reivindicar isenção à regra universal do descarte, e nada pode ter permissão de se tornar indesejável”. Diante disso, Ribeiro (2016) exemplifica esse descarte das pessoas na sociedade de consumo expondo que:

A ânsia em consumir e descartar produtos de forma desenfreada influencia também nos relacionamentos interpessoais, que tendem a ser mercantilizados e superficiais, o que é ocasionado, em parte, pelo medo de assumir compromissos em um mundo permeado pela velocidade das informações, das propagandas e dos meios de comunicação (RIBEIRO, 2016, p. 259)

Em *Amor líquido*, Bauman (2004) dedica um capítulo a discutir as dificuldades de amar o próximo na sociedade líquido-moderna. Fazendo referência à Freud³, o autor aponta o amor ao próximo como uma característica fundamental da vida civilizada, defendendo que “aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade” (ibidem, p. 99).

No entanto, uma vez que, na vida líquida tudo passa a ser mercantilizado, o amor também pode ser vendido, comprado ou, até mesmo, descartado (RIBEIRO, 2016). Nesse sentido, Bauman (2004) aponta que, na sociedade líquido-moderna,

O compromisso com outra pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional e certamente aquele do tipo “até que a morte nos separe”, na alegria e na tristeza, na riqueza ou na pobreza, parece cada vez mais uma armadilha que deve ser

3 Ver FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics. Companhia das Letras, 2011.

Para o autor, o receio em firmar compromissos com outros indivíduos decorre da conspiração contra a confiança, característica da modernidade líquida, ao passo que “a experiência individual aponta obstinadamente para o eu como o eixo mais provável da duração e da comunidade procuradas com tanta avidez” (BAUMAN, 2004, p. 113). Dessa forma, a estabilidade e a segurança das relações sociais abrem espaço para a efemeridade e o medo de confiar no outro, o que, sob a ótica consumista, favorece a noção de ver as pessoas como mercadorias que podem ser descartadas, haja vista que, nesta visão, a segurança deriva da individualização.

Outro aspecto relevante sobre os efeitos da síndrome consumista é o fato de que “a difusão de padrões de consumo tão amplos a ponto de abarcar todos os aspectos e atividades da vida pode ser um efeito colateral inesperado e não planejado da ubíqua e inoportuna ‘marketização’ dos processos da vida” (BAUMAN, 2009, p. 115). Para o autor, esse efeito colateral pode ser observado na atuação do mercado que cria serviços e produtos que podem substituir a interação humana, dada uma característica da modernidade líquida, a saber a “[...] ausência de habilidades sociais, da vida em sociedade e da vida em comum” (ibidem, p. 116).

Por conseguinte, sob a síndrome consumista, a fragilidade das relações humanas torna-se factível na sociedade líquido-moderna, haja vista que “[...] ‘relacionar-se’ com outras pessoas e desenvolver um *modus convivendi* duradouro seriam, para um número crescente de pessoas, tarefas assustadoras, além do seu alcance, talvez até inalcançável” (BAUMAN, 2009, p. 116), fato que torna o descarte do outro algo naturalizado e comum na modernidade líquida.

3 | METODOLOGIA

A presente pesquisa é um artigo de revisão bibliográfica que, segundo a ABNT (2003, p. 2) “parte de uma publicação que resume, analisa e discute informações já publicadas”, sendo, portanto uma pesquisa qualitativa que se preocupa “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Sobre esse tipo de pesquisa, vale ressaltar que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Desse modo, este estudo tem como base uma pesquisa bibliográfica à luz de obras

que retratam a temática da sociedade de consumo e/ou da Pós-Modernidade. Para tanto, a pesquisa faz referência as obras de Beck (2011), Bauman (2009), Giddens (2002) e Adorno e Horkheimer (1985).

O interesse por essa temática foi despertado durante o curso de licenciatura em Sociologia, além das aulas ministradas no Ensino Médio sobre a modernidade líquida descrita por Bauman. Ainda, a análise dos autores e de suas ideias é pertinente ao objetivo desse estudo que é proporcionar embasamento teórico sobre a Sociologia do Consumo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender a relação entre a ascensão de uma sociedade de consumo com a fragilidade das relações sociais na modernidade líquida. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, constatou-se que a forma como o capitalismo operou no século XX, sobretudo por meio da atuação da indústria cultural e suas técnicas de controle social, favoreceu a transformação de uma sociedade de produtores, característica do capitalismo industrial dos séculos XVIII e XIX, em uma sociedade de consumidores.

Observou-se que, na sociedade de consumo, as pessoas são tidas como mercadorias e são seduzidas ao consumismo, principalmente pelo poder de persuasão da indústria cultural que, por meio da reprodutibilidade técnica da cultura, da publicidade e comunicação em massa, visa a padronização e a manipulação da sociedade. Essa indústria conta, ainda, com a mercantilização da Arte como entretenimento, ao passo que, os trabalhadores, agora tidos como consumidores de diversão, são transformados, além de forças produtivas, em forças consumidoras.

Notou-se, também, que o consumismo está relacionado à uma questão de identidade, pois, ele traz consigo uma falsa noção de felicidade e de valorização de sua individualidade. Contudo, essa individualidade foi vista como uma falácia, haja vista que, na impossibilidade de escapar do controle da indústria cultural, a padronização das pessoas como consumidores é, então, inevitável.

A indústria cultural recebe tal notoriedade por criar necessidades e prometer atendê-las, por meio de propagandas que vinculam a satisfação ao consumo. No entanto, verificou-se um efeito colateral nesse processo, a saber a permanente insatisfação dos indivíduos, levando-os a descartar tudo o que eles consideram como insatisfatório, velho e inútil, desvalorizando, assim, a durabilidade e tornando o lixo a principal característica da sociedade de consumo.

Identificou-se que a difusão de padrões de consumo provocou uma síndrome consumista na sociedade líquido-moderna, levando os indivíduos a tratarem todas as áreas de sua vida social da mesma forma como fazem com as relações de consumo. Desse modo, as relações sociais passaram a ser tratadas sob a ótica da obsolescência planejada, ou seja, passaram a ter um curto período de duração, com vistas à incessante busca por novidades e a facilidade do descarte do outro, algo que se torna comum e justificável pela sociedade de consumidores.

Nessa ótica, pessoas podem ser destinadas ao lixo, caso não atendam às necessidades – geradas, sobretudo pela indústria cultural – dos demais indivíduos, permanentemente

insatisfeitos. Nota-se que, na modernidade líquida, muitas pessoas iniciam relacionamentos com prazo de validade, principalmente pela falta de confiança e/ou a recusa de se relacionar com o outro, características recorrentes da sociedade líquido-moderno.

Assim, este estudo cumpre seu objetivo inicial ao demonstrar que, motivado pela Indústria Cultural, o consumismo está atrelado às questões identitárias, possuindo uma relação com a supervalorização do individualismo, ao passo que a sociedade que decorre dessa prática desvaloriza a durabilidade, transformando a obsolescência em uma das principais características da sociedade líquido-moderna, o que fragiliza as relações sociais, pois, essas passam a ser marcadas pela efemeridade e pelo descarte, haja vista que o descarte do outro é um resultado direto da permanente insatisfação gerada por uma síndrome consumista.

Por fim, não é objetivo deste estudo esgotar as discussões sobre a Sociologia do consumo, mas, promover material teórico que contribua para o debate das implicações da sociedade de consumidores. Com isso, esta pesquisa permite novos questionamentos sobre a síndrome consumista, como por exemplo, sua relação com a ostentação da posse de bens materiais luxuosos como uma forma de se tornar desejável e socialmente aceito por outros indivíduos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. **Educação & Sociedade**, ano 17, n. 56, p. 24-56, set./dez., 1996

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022: Informação e documentação** – Artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. **A individualidade numa época de incertezas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre Educação e Juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. 2. Ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

RIBEIRO, C. A. B. C. **Teorias sociológicas modernas e pós-modernas**: uma introdução a temas, conceitos e abordagens. Curitiba: InterSaberes, 2016.

SILVEIRA, Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. T.; SILVEIRA, D. T (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SEABROOK, Jeremy. **The Leisure Society**. Oxford: Blackwell, 1988.

SOUZA, Milena Costa. **Sociologia do consumo e indústria cultural**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Annales 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

Antropologia 29, 46, 61, 76, 77, 83, 85, 112, 119, 120, 124, 133, 134, 136, 137, 143, 153, 160, 163, 166, 196

Araweté 11, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

C

Camelôs 13, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25

Cidadania 69, 100, 102, 103, 104, 110, 121, 127, 130, 184

Ciência 26, 27, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 100, 113, 118, 154, 157, 158, 163, 165, 180

Complementaridades 26, 36, 150

Comunidade 1, 3, 5, 10, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 73, 74, 75, 101, 118, 125, 126, 130, 133, 210, 217

Conflitos 4, 19, 45, 47, 48, 51, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 93, 113, 132, 154, 217

Conhecimentos 9, 1, 2, 10, 26, 29, 30, 48, 52, 53, 91, 123, 126, 131, 137, 163, 173, 210

Crônica 88, 89, 90, 98, 191

D

Deleuze 143, 145, 146, 147, 152

Democratização 100, 104

Desenvolvimento 3, 6, 9, 17, 29, 43, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 65, 70, 92, 93, 105, 108, 109, 110, 114, 118, 123, 126, 127, 133, 171, 184, 191, 208, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 223, 224

Diálogo 9, 26, 29, 30, 43, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 95, 103, 108, 109, 113, 127

Dicotomias 26, 33, 38, 41

E

Economia Solidária 1, 5, 6, 8, 130

Educação 45, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 130, 131, 134, 175, 207, 212, 227

Elementos 1, 3, 7, 8, 14, 15, 18, 19, 34, 36, 37, 46, 57, 66, 74, 82, 91, 92, 101, 112, 115, 124, 130, 161, 165, 166, 170, 198, 216

Etnocentrismo 71, 80

Extensão universitária 1, 6, 7, 9

F

Feira de Santana 13, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25

H

Habilidades 61, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 210, 220

I

Identidade 58, 75, 86, 111, 119, 120, 150

M

Mediação 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 162

Memória 4, 35, 56, 72, 123, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 189, 191, 192, 193, 194, 195

Missão francesa 71, 79, 80, 81, 82, 87

Mulher 54, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 185, 191

N

Nação 71, 72, 73, 74, 75, 159, 164, 176, 184, 204

Nobreza 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

O

Ossos Pélvicos 137

P

Pesquisa-ação 1, 2, 5, 104

Podcast 100, 104, 106, 110

Políticas públicas 56, 66, 121, 123, 126, 127, 128, 132, 133, 135

Povos indígenas 47, 57, 111, 112, 118, 148

Q

Quilombola 118, 119, 121, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134

R

Região 5, 17, 20, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 56, 57, 78, 82, 98, 130, 132, 136, 195

Rei 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 160, 162

S

Sexo 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 168, 185, 186

Sistemas complexos 26, 27, 37, 40, 42, 114

T

Terra 47, 48, 50, 51, 52, 55, 66, 80, 81, 97, 122, 123, 124, 125, 127, 132, 134, 147, 148, 149, 179, 180, 181, 183

Territorialidades 13, 14, 15, 56, 57

Trabalho 9, 12, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 47, 48, 50, 53, 54, 57, 61, 62, 66, 82, 83, 91, 102, 108, 119, 121, 123, 124, 125, 132, 134, 144, 167, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 201, 205, 208, 210, 216, 219, 221, 224

U

USP 25, 44, 57, 71, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 153

V

Viabilidade 8, 59, 63, 66, 70

Vídeo 100, 104, 106, 107, 108, 109

Violência 51, 117, 123, 167, 168, 169, 167, 170, 171, 173, 174, 175, 184, 185

Viveiros de Castro 143, 144, 147, 148, 150, 151

 **Atena**
Publisher
2 0 2 0